

N.º 3.

\*\*\*\*\*

**O CIDADÃO PHILANTROPO,**

OU

**JORNAL POLITICO, LITERARIO,  
E RECREATIVO.**

---

JUNHO DE 1836.

---

*Os Senhores que pertenderem subscrever para este Jornal podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio de Braga, em carta franca de porte; na certeza de que a todo o tempo, que mandem a sua assignatura, lhe serão remettidos os N.ºs por inteiro, a contar do mez d'Abril, primeiro do anno do Jornal. Tambem se subscreve, e vendem N.ºs avulsos na mesma Cidade de Braga, em casa de Luiz Tallone, com Loja de quinquilherias á fonte da Carcova, e na Cidade do Porto na Loja da Imprensa.*

*Preço da assignatura por anno..... 2\$ 400 rs.  
Numeros avulsos,..... \$ 240 rs.*



O CIDADÃO PULCRANIMOROS

ou

JORNAL POLITICO, LITTERARIO,  
E RECREATIVO.

JUNHO DE 1838

Os Senhores que pertencem a este Journal  
podem dirigir-se aos Redactores de mesmo, pelo correio de  
Braga, em carta franca de porte; na carta de que a todo o  
tempo, que mandam a sua assignatura, lhe serão remittidos os  
N.ºs por inteiro, e com o mes de Maio, primeiro de anno  
do Journal. Tambem se subscrevem, e mandam N.ºs remittidos no mes  
na Cidade de Braga, em casa de Luiz Tallas, com Laja de  
quapilheta de Joste da Carreira, e na Cidade de Porto na  
Laja da Imprensa.

Preço da assignatura por anno ..... 2 \$ 100 rs.  
Numeros avulsos ..... 2 \$ 10 rs.

# O CIDADÃO PHILANTROPO,

ou

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

---

JUNHO DE 1836.

---

Puisse de nos malheurs le souvenir affreux  
Exciter la pitié de nos derniers neveux,  
Arracher a leurs yeux des larmes salutaires,  
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs peres.  
Montj.

---

## ARTIGO PRIMEIRO.

### *Politica. (a)*

Quando encaramos com attenção o estado actual do nosso paiz; quando consideramos na divisão de principios, e de interesses, que anima seus habitantes, não podemos deixár de gemer sobre a sua sorte, chamando com o Poeta Grego pela boca do prudente, e experimentado Nestor: « He mister não ter parentes, » nem amigos, nem casa, nem humanidade, nem justiça, para gostar das divisões intestinas, sempre funestas, e mil vezes peores que as guerras mais sanguinolentas, e crueis. » Com effeito mal poderá prosperar huma Nação, aonde, como diz Voltaire, houverem outros partidos, que não seja o da união geral,

---

(a) O artigo, que passamos a transcrever, foi-nos communicado por pessoa de reconhecido merecimento literario, e porque a seus talentos faremos a justiça, que merece; julgamos acerto substituir com elle o nosso artigo de Politica.

amor do bem público e desejo sincero da salvação commum para que todos devem concorrer dadas as mãos. Esta grande, e maravilhosa união foi, a que conservou Roma florecente pelo espaço de tantos seculos, e a que a final lhe conferio o Imperio do Mundo; mas poucos annos de querellas civis bastarão para arruina-la, corrompe-la, reduzi-la á escravidão, e acabar quasi por apagar seu nome d'entre os povos conhecidos. E não deverão estes terriveis exemplos servir para emenda de nossos continuados desatinos? Não deverão elles patentear os resultados infalliveis, que esperão a qualquer povo, que allucinadamente os seguir, ou imitar? Bem certo he que devem; porém igualmente certo he que ningem se lembra d'isso. Talvez haverá quem diga que estes escolhos são inevitaveis depois da tenebrosa crise, porque passamos; que existem justas vinganças a satisfazer, justos interesses a accomodar, e que o estado presente do paiz he consequencia necessaria da violenta posição, em que nos deixou o desventurado governo do segundo Bragantino. Para melhor examinar se esta proposição he exacta em todas as suas partes, procuraremos descobrir as causas do mal, e saber se haverão remedios mais suaves, e mais próprios para a sua cura. A fim de verificar este exame com mais clareza hiremos hum pouco mais longe, e remontaremos nossas vistas ao anno de 1820. Ahi encontraremos talvez o primeiro elo da cadeia de todos os acontecimentos posteriores, que temos presenciado. A Côrte apartada da mãi patria para uma remotissima colonia; a fraqueza d'huma Regencia sem vigor, e sem sufficiente authoridade; a miseria pública; o orgulho nacional offendido, vendo-se a Nação tornada em colonia de suas colonias; a depredação, e pessima administração das finanças; a corrupção das justias, e finalmente a torpeza do Governo, eis-aqui os fortissimos incentivos de desgosto universal: o momento para revolução não podia ser mais favoravel: todos a

seguirão, todos a apoiarão cordealmente, supposto que movidos por idéas, vistas, e opiniões diversas. Querião huns que se fizesse o movimento só para obrigar o Rei a voltar para Portugal, e que se lhe restituisse intacto o poder, tanto que elle chegasse, sem mudar em cousa alguma a antiga fórma de Governo: querião outros que se aproveitasse a occasião d'estabelecer as antigas Côrtes do Reino, a periodos certos para o futuro: outros intentavão crear hum Governo segundo o sistema Inglez, e pouco mais ou menos semelhante ao actual: outros imaginavão huma reforma baseada sobre a Constituição Hespanhola de 1812 com huma só Camara de representantes do povo. Estes ultimos triunfárão, e a Constituição Politica de 1822 foi mandada jurar, e observar. D'aqui nascêrão os differentes partidos; d'aqui a primeira origem dos descontentes; a fonte dos odios, e opposições futuras. Todavia as paixões ainda então se não desenvolvêrão assaz para que a contra-revolução de 1823 fosse sanguinosa. Mudou-se a fórma de Governo, e não houve perseguição; mas os partidos exaltárão-se, e durante o resto da vida d'El-Rei D. João 6.<sup>o</sup> foi que se preparou debaixo da cinza, em apparencia amortecida, a terrivel explosão, que com tanta furia rebentou depois. O espaço de quasi tres annos, que este Principe ainda viveu, gastárão os partidos em apromptar os materiaes para o renhido combate, que á sua morte se esperava. Não he nossa intenção, nem o objecto, a que nos propomos, exige que narremos agora aqui os factos historicos acontecidos entre os annos de 1826 e 1834. Elles são ainda tão recentes, que não haverá ahi quem os ignore. Só diremos que na occasião da morte d'El-Rei D. João 6.<sup>o</sup> a Nação se achava dividida em dous partidos poderosos: o Liberal, e e Absolutista. Cada hum d'elles trabalhou por collocar-se no poder, e alternativamente o occupárão. Esta fatal alternativa fez augmentar sobre modo o mutuo rancor; e a intolerancia politica, filha legitima, e

infallivel herdeira d'este rancor apresentou seu medonho aspecto sem rebuço algum. Então se virão as cadêas povoadas de Cidadãos innocentes, cujo só crime era pensarem de huma maneira opposta á do Governo existente. Hum estupendo concurso de formidaveis desgraças cobria d'enluctadas sombras o aprasivel horisonte do infeliz Portugal; até que o Céo propicio nos enviou d'além dos mares o augusto Heroe, o brilho da historia Portugueza, o Primogenito dos Braganças, que atravez d'immensos perigos, e trabalhos nos restituiu em fim a paz, e a Liberdade perdidas. Mas como nos aproveitaremos d'estes dons tão preciosos? Como nos tornaremos dignos d'elles, e lhes faremos crear raizes firmes para poder depois por longo tempo colher seus fructos beneficos, e saudaveis? Será por ventura renovando a serie de nossos antigos desvarios? Será por ventura apoiando-nos ainda nos principios de intolerancia, que traz impressa na face o ferrete do despotismo? Será finalmente votando ao desprezo, ao abandono, á perseguição, e talvez á morte aquelles individuos, que não partilharem nossas opiniões, e nosso modo de pensar? Eis-aqui o que nós afoitamente negaremos, embora hajão muitos allucinados de paixão, e de cegueira, que se atrevão a affirma-lo. Quando huma Nação se acha dividida em dous partidos numerosos, que chegarão a disputar-se o poder por meio das armas, mister he que hum d'elles acabe por triunfar, se antes d'isso se não tiverem mutuamente destruido, e anniquilado. Mas se este partido victorioso se não empenhar em fazer conhecer aos vencidos que os venceu para os governar melhor, e mostrar-lhes que depois da victoria todos ficarão sendo irmãos; se em vez d'esta generosidade tão util, como necessaria, só cuidar em os abater, e affligir, offerecendo-lhes o raio do odio, e da vingança sempre prompto a fulmina-los, que resultados podem haver de tal sistema? O que tantas vezes te-

mos visto por desventura nossa. O partido debellado por um effeito natural trabalha por livrar-se da oppressão, que lhe carrega ; e apenas encontra occasião opportuna conspira, e revolta-se. D'esta sorte o desassocego se perpetua ; a paz interna não chega nunca , e um povo assim dividido não póde, como já dissemos, nem florear , nem prosperar. Aniquillar d'hum só golpe a a massa dos vencidos será talvez ao parecer da ignorancia hum voto de prudencia ; porém seria elle ao mesmo tempo hum voto de justiça ? Aonde as leis sociaes ? Aonde as leis de civilisação, e d'humanidade ? Aonde as idéas, e pensamentos philanthropicos dos filhos da Liberdade ? Não, não foi por certo o sistema do terror, quem regulou os passos do Governo Francez na sua ultima tentativa Liberal. Mais sabios do que nós souberão os Francezes aproveitar-se da experiencia dolorosa d'alguns annos da revolução, e quando em 1830 quizerão accudir á liberdade, que se lhes escapava, pelejarão, he verdade, nos tres brilhantes dias de Julho , mas depois da victoria as rixas passadas se esquecerão ; a Tribuna das Camaras foi o simples campo de batalha, que ficou para todos os partidos ; o novo Governo nacional, o governo de todos os Francezes ; e nós vemos esta Nação poderosa marchar sem torpeço no caminho da prosperidade, e da gloria. Observemos igualmente como Henrique 4.<sup>o</sup> remediou os terriveis males, que tinha acarretado a Liga. De obstinados rebeldes, soube aquelle Monarcha illustre fazer leaes Francezes, e preparar d'esta sorte a futura grandeza de seu paiz. Philippe 2.<sup>o</sup> ; que nos Paizes Baixos, seguiu a vereda do terror, e da perseguição, perdeu aquellas Provincias apezar do seu poder colossal, e dos admiraveis talentos de seus Generaes. Cromwel, Tyranno, e Usurpador soube aproveitar em beneficio da Inglaterra os talentos dos partidistas do Rei, que assassinára. Elle empregou sempre nos primeiros postos do mar o illustre Blake, não

obstante a franca liberdade, com que este grande homem, talvez o creador da marinha Inglesa, dizia altamente que — dezejaria morrer defendendo a vida de Carlos 1.<sup>o</sup> — Eis-aqui os beneficios incalculaveis, que se colhem, quando á voz magica do bem da Patria se calla, e accomoda o sussurro das querellas intestinas, e divisões particulares. Mas de que modo se hão de promover estes effeitos prodigiosos quando a Nação se acha retalhada pelos partidos, pelos odios, e pela opposição de interesses, e relações? Apenas descobrimos hum tão simples, quanto efficaz. Empenhe-se o Governo estabelecido em mostrar-se o Governo de todos; e não o Governo d'hum partido, ou d'huma opinião. Proteja a todos igualmente sem consultar na pessoa do Cidadão mais do que seus talentos, e virtudes. He esta a unica frente donde se deriva o bem estar das Nações, e em particular de nossos Reinos. O contrario d'isto he a lingoagem das paixões, e a lingoagem das paixões será tudo o que quizerem menos a origem do bem público. A historia de todos os tempos; a experiencia, e as proprias leis da natureza nos ensinão que he este o unico meio por onde qualquer povo póde chegar a ser grande, e venturoso, e que tudo o mais são chimeras, e delirios, que arrastão a poz de si desordens eternas, e terriveis catastrophes. Prospero será só aquelle Governo, que poder dizer a seus subordinados, sem receio de que o desmintão, o mesmo, que o Principe dos Poetas faz dizer á Rainha de Carthago.

*Tros, Tirusque mihi, nullo discrimine agetur.*



---

ARTIGO SEGUNDO.

*Literatura.*

---

A MODERNA ROMA, E SUAS VISINHANÇAS.

*Carta de Mr. F. A. de Chateaubriand a Mr. Fontanes.*  
(Continuada do N.º ant. pag. 45.)

Ainda que Roma, vista interiormente, se assemelhe hoje com a maior parte das Cidades Europeas, conserva todavia ainda hum caracter particular; porque nenhuma outra Cidade apresenta como ella semelhante mistura d'arquitectura, e de ruinas, começando no Panteon d'Agripa até aos muros gothicos de Belizario, e nos monumentos trazidos d'Alexandria até o Zimborio feito por Miguel Anjo. A belleza das mulheres he outra particularidade notavel, que a destingue: ellas se assemelham por seu ar, e figura ás Clelias, e Cornelias; e quando as vemos andar, parece-nos estar vendo as estatuas antigas de Juno ou de Pallas, que descendo de seus pedestaes passeão em torno de seus Templos. Além d'isso, vê-se nos Romanos esse colorido que os pintores denominão — côr historica — e de que se servem nos seus paineis. Mas he bem natural que os homens, cujos avós tem feito tanta figura na terra tenham tambem servido de tipo aos Rafaeis, e Dominiquinos para representarem as personagens historicas.

Outra singularidade de Roma consiste nos seus rebanhos de cabras, e particularmente nas suas juntas de grandes bois, com cornos enormes, que costumão estar deitados ao pé dos obeliscos Egipcios entre as

ruínas do *Forum*, e debaixo dos arcos por onde em outro tempo passavão, conduzindo o triumphador Romano para esse Capitolio, que Cicero denomina a *Assembléa Pública do Universo*.

« *Romanos ad templa Deum duxere triumphos.* »

Ao estrondo ordinario das grandes Cidades cresce ainda em Roma o ruido das agoas que por toda a parte se ouve, como se estivessemos junto das fontes de Plandusio, e de Egeria. Do alto das Colinas, que estão dentro de Roma, ou da extremidade de muitas ruas podem vêr-se as campinas em prespectiva, o que dá á Cidade e aos campos huma união mui pitoresca. No inverno os tectos das casas estão cobertos de erva, quasi como os velhos tectos das choupanas de nossos camponezes. E estas diversas circunstancias contribuem muito para dar a Roma hum certo ar rustico, que nos traz á lembrança, que seus primeiros Dictadores empunhavão a charrua, que Roma deveo o imperio do mundo a lavradores, e que o maior dos seus poetas não teve em deshonra ensinar a arte de Hesiodo aos filhos de Romulo:

« *Ascræumque cano Romana per oppida carmen.* »

Quanto ao Tibre, que banha esta grande Cidade, e que participa de sua gloria, pôde-se dizer que seus destinos são hoje bem extraordinarios. Elle passa como incognito por hum dos lados de Roma: ninguem se lembra de que existe, ninguem falla n'elle, ninguem bebe as suas agoas, e até nem as lavadeiras as querem para lavar. Furtivamente se escôa por entre miseraveis casas, que o escondem, e vai correndo precipitar-se no mar como envergonhado de ter perdido seu antigo nome e de o chamarem Tevere.

(Continuar-se-ha em o N.º seguinte.)

*Elenco das guerras civis de Portugal pela ordem dos Reinados.*

Continuado do N.º 1.º

*Regencia dos cinco Governadores.*

Morto o Cardeal D. Henrique successor da Corôa de Portugal pelo falecimento de seu sobrinho El-Rei D. Sebastião, passou o governo d'estes Reinos ás mãos de cinco Governadores, que, por Filippe 2.º de Castella, forão convencidos a reconhecer este como Rei, de baixo de varias condições propostas. Entre os muitos pertendentes á Corôa de Portugal apenas D. Antonio Prior do Crato ousou apresentar-se em campo contra as forças de Castella. Por si tinha este o voto da plebe, e corporações Religiosas; porém hum numero consideravel de Fidalgos, e, quasi inteira, a classe do commercio seguiu as partes de Castella. Divididas assim as vontades Portuguezas quanto á escolha de successor ao Cardeal, teve D. Antonio de combater, junto á Villa d'Alcantara, contra o bando Portuguez, que as seguia; porém com fortuna tão contraria que, sendo alli completamente derrotado aos 25 d'Agosto de 1580, mal pôde em sua fuga reunir ao depois alguma gente proximo á Cidade de Coimbra, aonde foi novamente debellado pelo Hespanhol Sancho d'Avilla, e, constrangido a expatriar-se d'estes Reinos, deixou Filippe 2.º sem competidor á successão do Throno Portuguez.

*Reinado de Filippe 3.º*

*Sedição d'Evora.*

Por mal cumpridos os tractados, que, com Filip-

pe 2.º de Castella, havião feito os Portuguezes, quando resolvêrão entregar-lhe a Corôa d'este Reino, e porque já então pezava a muitos o pezo insupportavel d'hum Principe estrangeiro, se decidirão os povos d'Alentejo, e na frente d'estes os habitantes da Cidade de Evora a proclamar por seu Soberano D. João, Duque de Bragança, depois Rei de Portugal; mas ou fosse que ainda a esse tempo se julgárão intempestivos taes exforços, ou fosse que, por natural indecizão do Duque de Bragança não podesse elle acabar consigo o pôr-se á testa dos Conjurados, he certo que ainda então recusou a Corôa Portugueza, sabendo com tudo aproveitar-se de seu crédito na Côrte de Madrid para prevenir que os Conjurados não soffressem huma total destruição.

---

*O mesmo Reinado.*

*Acclamação d'El-Rei D. João 4.º*

Conspirados alguns Fidalgos Portuguezes, por conselho, e por astucia de João Pinto Ribeiro, a sacudirem o jugo Castelhana, fizeram estes soar pelas ruas de Lisboa o grito da independencia Nacional em o dia 1.º de Dezembro de 1640, proclamando por seu Rei D. João 4.º Duque de Bragança. Prosperos forão então os resultados da conspiração, que terminou com a morte do Secretario Vasconcellos, e mais algumas poucas victimas; porém supposto parecessem bem unanimes os votos Portuguezes em quererem derrubar a Tirannia de Castella, nem por isso deixou ainda assim de apparecer, quem desaprovasse a heroicidade d'esta empreza. Os grandes do Reino olhárão para a elevação do Duque com inveja occulta; muitos nobres, que não forão dos Conjurados mostravão no silencio a incerteza de seus animos, e por parte da alta gerarchia Eccle-

siastica se mostrou o Arcebispo de Braga decidido partidista do Principe Castelhano; desunião esta que veio de futuro a causar graves desgostos ao Soberano, obrigando-o a derramar algum sangue Portuguez, que bem pudéra ter poupado com moderação, e boas artes.

*O mesmo Reinado.*

*Conspiração do Arcebispo de Braga.*

O Arcebispo Primaz, como dissemos, havia na verdade sido promovido pelos Castelhanos, e d'estes se mostrou sempre afeiçãoado; porém resentido ao mesmo tempo por offensas pessoaes contra o Secretario Vasconcellos, não seria certamente mui difficil grangear sua afeição, se El-Rei com quanto era affavel, e humano fosse ao mesmo tempo assaz politico para conhecer que mais convém grangear a descontentes, que punir conspiradores; porém, vendo-se o Prelado inteiramente aborrecido do Monarcha, forcejou, e conseguiu alliciar para o bando de Castella varios Fidalgos Portuguezes, que desgostosos do Soberano, ou por emulação, ou por offensas, se conspirarão contra elle, e porque a conspiração foi a tempo descoberta El-Rei os mandou a quasi todos justicar n'hum cadafalso. (a) (\*)

(a) A demasiada severidade com que El-Rei se houve n'este passo, é talvez quem faz dizer o Abbade Millot na sua Hist. Univ. Tom. 8. pag. 348, que os Portuguezes, aclamando o Duque de Bragança, não fizeram mais que mudar de Senhor.

(\*) Aqui nos pareceu a propósito termiuar o abreviadissimo cathalogo das dissensões internas deste Reino, não só porque os Reinados posteriores a El-Rei D. João 4.<sup>o</sup> são menos ferteis em acontecimentos d'este genero, como tambem porque a imparcialidade da Historia exige que alguns invernos mais venhão gelar o coração do historiador, que se fizer cargo de traçar com cores veridicas o quadro de nossas ultimas discórdias.

*N. B.* Por engano de composição se omittio em o N. 2. o complemento deste Elenco, que devêra ir alli inserido; mas para que aos nossos Leitores não fique imperfeita esta pequena peça, se transcreveu no presente N.

ARTIGO TERCEIRO.

Poesia.

*Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo do  
Porto, Presidente Governador*

ODE HEROICA.

O' et Præsidium, et dulce decus!

*Hor.*

Verdade augusta que me pezas n'alma  
Assalta em borbotões ao vulto, aos labios.

Relampagos sonoros

Da Gratidão as azas

Caminho te abrem pelo ethereo campo:

Dos Orbes ao redor divaga, e troa.

Rubras as faces, declinados olhos,

Do Baculo (ou sceptro) a froxa trava

Despeitora modestia:

E em defeso recinto

Invicta soffre a resonante lira

Em sons dourados echoar seu nome.

Indomita explosão rebenta, estoira:

Flami-voma espedaça rochas, bronzes:

Dos estalados diques

Fumegantes rebôlos,

Rodando em turbilhões nos ares negros,

Desabão sobre o mar, e o mar rebomba.

Chocão sem tinó aos revoltões as massas.  
 De encontro com a luz baqueia a noute.  
     Incompescível furia,  
     D'innato juz ufana,  
 Do Globo em cinzas, se he preciso, o cáhos  
 N'arreatada arremettida arranca.

Sangui-negro furor nos tórvos olhos,  
 Vulni-vola avides nas secas fauces,  
     Nos hombros azulados  
     Vulcaneo carregume,  
 N'hum vortice de raios a coragem  
 Circumvolvida, atordoada gira.

A perda universal, a quem faz Côrte  
 Vendada confusão, enfuna em tanto  
     No coração persago  
     A atroz desejo as velas.  
 Ordem, Prudencia, Lei, Corôa, Reino  
 Submerso canta em sorvedouro eterno.

Lysia! Lysia infeliz! a taboa illustre,  
 Que do naufragio quiz primeira alçar-te,  
     Ousando intempestiva  
     Com giganteos embates  
 Marachões repellir, cachopos, ventos  
 Hia contigo de mergulho ao fundo.

Subito á tua voz, Sagrado Chefe,  
 A' voz sonora d'attracção se embandão  
     Os soltos Elementos  
     Rainha do Universo  
 Harmonia os aneis refaz mais firmes:  
 Em orbita prefixa as forças rodão.

Grande! sem par! miraculoso acerto!  
(Guardai, ó Musas, no melhor do peito;  
De tão nobre thesouro  
Tão rico esmalte he digno.)  
Jove na mente procreou Minerva:  
Emula a Patria te acclamou Regente.

Genio, que nos Lyceos não víra Athenas,  
D'audaz combinação no mudo soffre,  
Em ordenadas peças  
O Universo concentras.

Corriges, soldas, regeneras, crias,  
Em novo mundo novo Norte cravas.

Já de fortuitas, apinhadas turbas,  
Tremendas brotão marciaes cohortes.

Electrica torrente  
De fila em fila estala.

Arde no coração pugnaz braveza:  
Na mente repousado jáz o accordo.

Já tresplantado pelo undoso argento,  
Da honra ás mãos flami-spirante bosque,  
Britanico ardimento  
Generoso veleja.

Ei-lo nas praias; e as que o Sol encarão,  
D'armadura ao fulgor se encolhem, Aguias.

Já para o Tejo convergindo fluem  
Do Douro, e do Tamisa enchentes largas:  
Momentos de remanso  
Não consente Bellona.

Vermelhas fumão bronzeadas bocas,  
Abortão monstros turbilhões de fogo.



Ao da trombeta horrisono retumbo  
Remoinhão trovões, reservem golpes;  
Sangrenta tempestade  
As rajadas recresce.

Rijo balanço os batalhões da Gallia  
Por terra atira escalavrados, mortos.

Lá se torcem no chão partidas serpes:  
Torres d'astucia esboroadas ruem;  
Cahe o dolo, a impiedade,  
Roxo tepido lago

Se empóça aqui, alli, onde a milhares,  
Agonizando barafustão monstros.

Elmo implumado d'illusões nefandas,  
Por escudo ambição, por cota enredos,  
Por alfange rapina,  
Sahe d'hum bosque a Politica:

A morte mesma vai cerrar com ella,  
Os membros esmigalha, o cranco escaca.

Exercitos, cadaveres, carretas,  
E pó, e fumo, e sangue, tudo em monte.  
Cavallos, Cavalleiros,  
Bandeiras, armamento,

Tudo vai de rondão varrido ás azas  
D'illustre, aceza, energica vingança.

Anteposta, belligera Phalange,  
No Campo já não ha: e o Patrio Marte  
Serenar se não póde:  
Lavareda estranhada

Lhe tolda o coração, lhe escalda a frente:  
Golpea ainda, e corre, e freme, e espuma.

Sobre a ruina das cortadas hostes  
Eis as sagradas, Lusitanas Quinas,  
Rasgando o ar, e os vivas.  
Salpicadas de sangue,  
Ainda tremulando sangue orvalhão:  
Nos braços a victoria as toma, e beija.

Do cabo occidental clarim sonoro  
A fama aponta ao guerreado Arcturo.  
Ao estrondo dos feitos  
O Vistula, o Danubio,  
Atando as mãos na envergonhada fronte  
Contra seus fados, seus Heroes dão urros.

Da nunca havida portentosa Gloria,  
Da Gloria d'acurvar-se ás regias plantas,  
O Equador ufano  
Mais alto se empavona,  
Promettendo-se agora abrir segunda  
Ao mesmo, que a trilhou, real passagem.

Plano sublime! Quem te urdio he homem!  
Remonta do saber tão alto o cume!  
Os horisontes limpos!  
Desassombrado o Templo!  
Em culto as Leis! em segurança o Throno!  
Escravos hontem, somos livres hoje!

Peito que salva o Rei, que a Patria salva,  
Se por força hade ser mesquinho o Sceptro,  
O Rei não galardoa.  
Mas eu te congratulo  
Veres salvo o teu Rei, a Patria, o Templo,  
Tal era o premio teu; tal he teu premio.

*Por J. Evangelista.*

EPISTOLA.

*A Fylinto.*

Adeos, Fylinto, doce amigo, a auzencia,  
A saudade, este adeos quanto me punge!  
Quanto me fere o intimo seio d'alma  
Deixar os lares onde tu disfructas  
Não falsos bens d'amor, reaes venturas,  
Venturas, que apeteço, e que me fogem,  
Qual foge ao cégo adorador da sombra  
Na limpida corrente a imagem sua,  
Aqui, Fylinto, doces bens te enleião,  
Enlea-te hum prazer, hum gôso d'alma  
Puro, innocente, brando, deleitoso,  
Que no seio mortal, com mão avara,  
Não sei se um Creador, não sei se o acaso  
Mesquinho escasseou entre catervas  
De dores mil, e mil, de mil tormentos.  
Porém, Fylinto, quão diversos ambos  
Os quadros vemos que te off'rece a Patria! (a)  
(Patria lhe chamo; porque he ao homem,  
Solo, que attenta de occultar-lhe as cinzas.)  
Essas Campinas soltas ao Nascente,  
Essa Arcada soberba que negreja  
Lá pelos sitios onde o Sul rebenta,  
A grita do Remeiro, e mais que tudo,  
O Theatro vastissimo dos mares,  
(A ti, Fylinto, a ti talvez tão caro!)  
Que dôr mais do que dôr, que golpe immenso

---

(a) A Povoia de Varzim.

M'encrava a lento, e lento, e sem que finde  
Vida d'angustias lhe avigóra as forças!

Estes prados, Fylinto, estas campinas,  
Este celeuma pèrsago dos Notos,  
O som das vagas, que na praia quebrão  
Huma apôz outra rebentando em flores,  
Redobráo mais, e mais o meu tormento,  
Acerbão-me a saudade, e voz interna

Me diz ao coração — « Armia outr' hora

» Vio estes prados, estas ondas bravas,

» Deu aos campos belleza n'hum sorriso,

» N'hum suspiro, n'hum ai brandura aos mares ;

» Estas paredes, este mesmo tecto,

» Que hoje te abriga já cobrio Armia ;

» Lascados tabões talvez que vissem,

» Despídos d'alvo linho, e frouxas sêdas,

» Seios mimosos, feiticeiros pòmos

» Da minha Armia . . . . » Mas que horror ! Que disse !

Eu minha lhe chamei, e ella me fuge !

Eu sem ella ! Eu sem ti ! O' meu Fylinto,

Encara os fados meus, e vê-lhe o effeito :

Estremeço d'horror ; o sangue he gèllo ;

He gèllo o coração, e a pouco, e pouco

Este sôpro de vida em ais se extingue,

Extingue-se a razão, soltão-se as furias

Do ciume cruel tincto de sangue,

Fibra por fibra os membros me retalha,

E entre abraços mil já se me antolha

Que soffrego rival ávido beijo

Vai no labio imprimir-lhe, e vai o seio

Tentar c'om a mão do crime ; agora escuta

Hum terno suspirar . . . agora a estreita

Mais forte ao coração, aos labios . . .

Eis a mão lhe beijou . . . beijou-lhe os seios . . .

O meu rival he Nume . . . O' Ceos ! Fylinto,

Caro Fylinto, venção-se os destinos,  
Termine-se esta dôr, silencio eterno,  
Eterno esquecimento envolve a campa,  
— Adeos, Filynto, extremo adeos he este.

*Por D. J. d'Azevedo. — Em 20 d'Outubro de 1834.*

**SONETO.**

ASSUMPTO

*Tem pena d'estas lagrimas, que choro.*

Venceu amor: já livre não respiro :  
Adeos sancta innocencia, adeos candura ;  
Sabia mestra d'amor a formosura  
M'ensina a suspirar, eu já suspiro.

Qual geme a terna rôla no retiro,  
Sinto n'alma gemer doce ternura:  
Marilia, penetrou-me a setta dura,  
Já te adoro, não sonho, não deliro.

Olha no peito meu a f'rida aberta,  
Vê quem á exenção pagava o fôro  
Como as primicias já d'amor te offerta :

Compaixão, compaixão he que t'implóro ;  
Pois tiveste em ferir a mão tão certa  
Tem pena d'estas lagrimas, que choro.

*Por J. Evangelista.*

## ARTIGO QUARTO.

*Variedades.**Cruza Pontificia.*

Hum cavalleiro Hespanhol, que na Basilica de Pedro foi ferido com a alabarda d'hum sentinella Suisso, lançou mão do cajado d'hum perigrino, que lhe ficava proximo, e descarregando-o sobre a cabeça do Suisso o estendeu morto. Avisado Xixto 5.<sup>o</sup> d'este delicto ordenou de prompto ao Governador de Roma que se fizesse justiça ao culpado antes de jantar. Debalde procurarão muitos Cardeaes, e o proprio Embaixador d'Hespanha empenhar o Santo Padre a que se dignasse conceder que o delinquente fosse ao menos degolado, e não posto na forca, segundo a determinação de Sua Santidade, para poupar á familia do executado a deshonor da execução. Xixto 5.<sup>o</sup> inexoravel respondeu a quem supplicava — Elle será inforcado; porém eu adoçarei a ignominia, que d'ahi possa resultar a seus descendentes, assistindo em pessoa ao acto do supplicio. — O Papa ordenou com effeito que se collocasse a forca defronte do seu Palacio, e assistio, conforme havia promettido, a toda a cerimonia da execução. Acabada ella virou-se para os seus criados, e disse com huma fleuma revoltante: — Tragão-me de comer; este acto de Justiça abriu-me o appetite. — Ao sahir da mesa ergue o Pontifice os olhos para o Ceo, e juntando ambas as mãos, como em acção de graças, exclamou este digno successor do primeiro Apostolo da Igreja — Deos seja louvado pelo grande appetite com que acabo de jantar. —

*Pergunta feliz.*

Quando o Marechal de la Forte tinha decidido processar algum soldado do seu Exercito tinha de costume dizer — Maroto ! hum de nós será inforcado : ou eu ou tu. — Hum sentinella, que havia adormecido nos postos avançados depois de ter ouvido estas palavras ao Marechal, foi-lhe intimada a sentença de morte. O sentenciado pedio que queria fallar ao Marechal , e tanto que este appareceu lhe disse — Senhor ! vós asseverastes que hum de nós dous seria impreterivelmente inforcado : desejava saber se vós o quereis ser ; porque d'outra sorte he visto que necessariamente heide ser eu. — O Marechal riu-se, e perdoou-lhe a morte.

*O Escriptor profano mais antigo.*

Sanchoniaton de Beryta , em Finycia , he o Escriptor mais antigo depois de Moyzés. D'elle se conservão ainda algumas obras. Escrevia as antiguidades da sua Patria pelo tempo de Jozué. Compoz huma Cosmogonia, e n'ella admite hum cahos, e um espirito, que põe a ordem em o Universo. Este Author não falla da decadencia do homem, nem do diluvio, nem da dispersão dos povos. Euzebio, que conserva hum fragmento da sua obra traduzido por Philon de Biblos o accusa de se inclinar para o Atheismo.

*A Livraria mais antiga do Universo.*

No Palacio de Osymandias no Egypto estava a Livraria mais antiga do Mundo com esta inscripção — Re-

médio d'alma. — Inscricção verdadeira, diz hum Author conhecido, com tanto que seja applicada ás obras de merecimento.

*Uso dos casamentos entre os Babylonios.*

Para favorecer a povoação, objecto importante da politica, era costume em Babylonia vender em praça pública as mulheres mais bellas do paiz. Este dinheiro applicava-se depois para dote das menos formozas, e nenhuma ficava d'esta sorte sem marido. « He difficultoso, diz » o Abbade Millot, ter bom agouro d'aquelles casamentos, » que se fazem pelos destinos, sem consultar a razão, e » sem conhecer as pessoas; porém que deveremos pensar dos nossos, quando o dinheiro unicamente os decide, e quando o merecimento sem dote nada vale? » Entre os Babylonios se os corações não se pudessem unir separavão-se tornando a dar a quantia recebida. Os Babylonios não suppunhão que huns laços indissoluveis se podessem formar levemente.

*Todos os Srs. Subscriptores deste Jornal, que pertenderem fazer entrega do importe de suas assignaturas, podem dirigir-se ao Escriptorio do Sr. Ferreira, rua nova dos Inglezes de frente de S. Francisco, aonde acharão quem as receba.*